

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Renan Müller Sander

Masculinidades em movimento:

gênero e cinema a partir de dois documentários contemporâneos

Porto Alegre

2021

Renan Müller Sander

Masculinidades em Movimento: gênero e cinema a partir de dois documentários contemporâneos

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Grunvald

Porto Alegre

2021

Renan Müller Sander

Masculinidades em Movimento: gênero e cinema a partir de dois documentários contemporâneos

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Grunvald

Aprovado em: 02/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vi Grunvald (UFRGS)

Profa. Dra. Paula Sandrine Machado (UFRGS)

Profa. Dra. Fabiene Gama (UFRGS)

Para o meu filho Valentin.

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais e irmã, pelo apoio e incentivo incondicional.
- À minha família, Fê e Valentin, pela inspiração, amor e carinho constantes.
- Aos meus amigos pelo suporte e disposição em debater assuntos aleatórios.
- À minha orientadora Vi Grunvald, pela sensibilidade e dedicação.
- À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por todas as possibilidades que me ofereceu ao longo dos anos: seu ensino de qualidade e as pessoas que convivi em seus campi.

RESUMO

Esta pesquisa busca explorar as questões relacionadas ao gênero e a construção das masculinidades, a partir das práticas apresentadas nos documentários “*The mask you live in*” e “O Silêncio dos Homens”, utilizando a análise fílmica como suporte. Assim, partindo de uma discussão inicial sobre gênero e masculinidades, procuramos analisar suas potencialidades, explorando os pontos comuns e divergentes destas obras, com a intenção de observar, a partir das práticas apresentadas nos documentários, como se dá a construção destas masculinidades em contextos diferentes. Com o objetivo de analisar a produção do modelo atual de masculinidade, os seus prejuízos e as possíveis alternativas expostas nos documentários. De forma que os documentários apresentam olhares convergentes constituindo a construção social da masculinidade como um problema social, trazendo cruzamentos que auxiliam a complexificação do tema como classe, raça, sexualidade, violência, família e mídia, apontando para questões problemáticas deste processo e a necessidade de mudança no modelo atual de masculinidade.

Palavras-chave: Gênero; Masculinidades; Mídia

ABSTRACT

This work explores questions about gender and the social construction of masculinities, from the practices presented in two documental films “*The mask you live in*” and “O Silêncio dos Homens”, using film analysis as methodical support. Thereby, this research begins with a discussion about gender and masculinities, looking for potentialities, exploring converging and divergent points and observing the practices shown in the movies to explore how masculinities are built in different contexts. The objective is to analyze the current male role model in the documentaries, their prejudices and potential alternatives. In this way, the films presented shared views that the present construction of masculinity should be faced as a social problem, with intersections that help to complexify the subject such as class, race, sexuality, violence, family and media. This analysis points out problematic issues of this process and the call for change of the current masculine model.

Keywords: Gender; Masculinities; Media

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - "A caixa do homem"	26
FIGURA 2 – "Grupos de Homens"	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. GÊNERO E MASCULINIDADES.....	11
2.1 Gênero.....	11
2.2 Masculinidades.....	17
3. ANTROPOLOGIA E CINEMA.....	28
3.1. Breve histórico.....	29
3.2. Filmes e Metodologias.....	31
4. ANÁLISE FÍLMICA.....	34
4.2. The Mask You Live In.....	34
4.3. O Silêncio dos Homens.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Nos EUA, masculinistas participam da invasão do capitólio¹; na China, Ministério da Educação propõe um plano de prevenção da feminização de homens e adolescentes²; no Brasil, um machista no poder, ecoando misoginia e homofobia por todos os lados³. Se ainda há dúvida que a masculinidade está em crise, estas notícias expõem o quanto o modelo atual não é saudável e está sendo contestado.

A masculinidade é um tema que vem sendo debatido de forma crescente em todos os meios, impulsionada pelo movimento feminista que aponta a construção tóxica⁴ das masculinidades dominantes, evidenciando as desigualdades produzidas ao longo da história. Explorar o homem e o masculino, dentro das perspectivas levantadas pelos estudos de gênero, permitem um olhar abrangente na direção de se criar possibilidades de ação para uma sociedade mais igualitária.

Neste sentido, este trabalho busca explorar algumas das iniciativas que questionam os padrões da masculinidade atual, analisando dois documentários: o americano *“The mask you live in”* e o brasileiro *“O silêncio dos homens”*. ambos trazem uma proposta de olhar para as masculinidades, investigando os padrões sociais que perpetuam um modelo hegemônico, bem como questionamentos desse padrão e alternativas que começam a surgir. Dessa forma, partindo de uma discussão inicial sobre gênero e masculinidades, procuramos analisar suas potencialidades, explorando os pontos comuns e divergentes destas obras, com a intenção de observar, a partir das práticas apresentadas nos documentários, como se dá a

¹ Site BBC News Brasil – “‘Tribalismo masculino’: a seita violenta ligada ao 'viking' em invasão ao Congresso dos EUA”. Acesso em 7 de novembro de 2021, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55582226>.

² Site BBC News Brasil – “Governo chinês investe em programa educacional para tornar meninos mais viris”. Acesso em 7 de novembro de 2021, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56082393>.

³ Site UOL – “Justiça manda União pagar R\$ 15 mi por falas machistas de Bolsonaro”. Acesso em 7 de novembro, disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/24/justica-manda-uniao-pagar-r-15-mi-por-falas-machistas-de-bolsonaro.htm>.

⁴ O termo masculinidade tóxica surge a partir do trabalho do autor e professor Shepherd Bliss, um dos líderes do ativismo do movimento mitopoético masculino que surgiu nos anos 1980, em um artigo chamado *Revisioning Masculinity: A report on the growing men’s movement*, no qual e discorre sobre um retorno à masculinidade cooperativa pré-industrial ao invés de masculinidade tecnológica competitiva. Bliss usou o termo para identificar comportamentos que eram tóxicos para os homens, tais como: negação à expressão emocional, extrema autossuficiência, aspiração por dominância física, sexual e intelectual, desvalorização das opiniões das mulheres e condenação de qualquer característica dita feminina em outro homem.

construção destas masculinidades em contextos diferentes. De forma que o objetivo é analisar a produção do modelo atual de masculinidade, os seus prejuízos e as possíveis alternativas expostas nos documentários.

Assim, esta pesquisa irá utilizar em seu primeiro capítulo os aportes teóricos de Haraway, Nicholson, Rubin e Scott para compreendermos as discussões acerca do gênero, concluindo com a performance de gênero introduzida por Butler, para contextualizarmos a masculinidade dentro desse quadro teórico. Em seguida, exploraremos as masculinidades (Bento, Gómez e Güida, Gutmann, Grossi e Kimmel), com destaque para o conceito de Masculinidade Hegemônica cunhado por Connell e Messerschmidt, passando pelas masculinidades da nossa América (Viveros Vigoya), para chegarmos nas masculinidades brasileiras (Barbani e Martins, projeto Papo de Homem).

O segundo capítulo é dedicado a examinar a análise fílmica no contexto antropológico. Dessa forma, abordaremos os trabalhos de Hikiji, Reyna e Weakland que nos proporcionam uma visão abrangente sobre o desenvolvimento e as técnicas que atravessam o olhar da antropologia sobre as obras audiovisuais. A partir do aporte destes autores, iniciaremos a análise dos documentários, observando questões pertinentes à construção de nosso estudo para, por fim, apresentarmos as considerações e conclusões acerca de tudo que foi visto.

É importante ressaltar o percurso desta pesquisa que partiu da intenção de explorar um dos mais antigos grupos de homens do Brasil: os Guerreiros do Coração, com mais de 25 anos de atuação. Entretanto, a possibilidade de realização de pesquisa de campo foi cortada pela pandemia de Covid-19, impedido que o grupo se encontrasse. A partir daí foi feito um esforço em realizar entrevistas virtuais com participantes e facilitadores, mas a falta de interesse e retorno por parte do informante e do grupo, impossibilitou sua realização. Dessa forma, optamos por explorar estas duas obras que são consideradas referências nas discussões sobre a masculinidade, contribuindo para o crescimento do debate nas ciências sociais.

2. GÊNERO E MASCULINIDADE

2.1 Gênero

As questões relacionadas a gênero, no princípio, passavam longe dos debates sobre as masculinidades que, segundo Gutmann (1997), focavam na economia cultural da masculinidade (divisão do trabalho), família (parentesco, paternidade e amizade entre homens), questões relacionadas ao corpo e saúde e ao poder. Miriam Grossi (2004), em trabalho de revisão teórica sobre temas abordados em trabalhos acadêmicos nacionais relacionados aos homens e às masculinidades, destacou a presença expressiva de temas como honra, violência, paternidade e emoções. Foi a partir de uma ideia de crise na masculinidade que se passou a tentar compreender como se dá a construção/formação das masculinidades, tornando a discussão acerca do gênero - levantada pelos estudos feministas - extremamente relevante para (re)pensarmos suas trajetórias. Conforme Gutmann (1997) destaca:

Ironicamente, a maioria dos estudos etnográficos sobre a masculinidade fez um uso insuficiente das contribuições feministas para o conhecimento sobre gênero e sexualidade e, além disso, falhou em se empenhar o suficiente em debates importantes dentro deste campo. (Gutmann, 1997, p.400)

Tendo isso em conta, este capítulo irá se organizar de forma que contemple um breve histórico acerca dos estudos de gênero e suas discussões, a relação do gênero com os estudos sobre a masculinidade e os conceitos relacionados à masculinidade em si. Buscamos dessa forma introduzir gênero e masculinidade no nosso debate, visando enriquecer e qualificar a análise dos filmes propostos.

Segundo Haraway (2004), é a partir da segunda onda feminista que iniciaram os questionamentos em torno dos “determinismos biológicos” versus “construcionismo social” e das biopolíticas das diferenças de sexo/gênero que ocorrem no interior dos campos discursivos já pré-estruturados pelo paradigma da identidade de gênero. A identidade de gênero era uma versão funcionalista e essencializante da percepção de Simone de Beauvoir (dos anos 40) de que “não se nasce mulher, mas tona-se”. Essa construção, do que poderia ser uma mulher (ou um homem), se tornou um problema para funcionalistas e existencialistas pré-feministas da época, visto que no período

pós-guerra “os fundamentos das vidas das mulheres num sistema dominado pelos homens, num mundo capitalista, estavam passando por reformulações básicas” (Haraway, 2004).

Neste sentido, Scott (1990) destaca a importância da categoria gênero como termo proposto para as pesquisas sobre mulheres, possibilitando uma mudança nos paradigmas disciplinares da época, onde o estudo das mulheres “não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente.” (Scott, 1990, p.73). Destaca ainda que uma iniciativa nesse sentido, promovendo tal metodologia, implica não somente em uma nova história de mulheres, mas também uma nova história. Entretanto, para o(a)s pesquisadores(as) das mulheres

[...] não têm sido suficiente provar que as mulheres tiveram uma história, ou que as mulheres participaram das principais revoltas políticas da civilização ocidental. A reação da maioria dos historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e, em seguida seu confinamento ou rejeição a um domínio separado (“as mulheres tiveram uma história separada da dos homens, em consequência deixamos as feministas fazer a história das mulheres que não nos diz respeito”; ou “a história das mulheres diz respeito ao sexo e a família deve ser feita separadamente da história política e econômica”) (Scott, 1990, p.74)

Assim,

Novos fatos podem documentar a existência das mulheres no passado, mas não necessariamente modificam a importância (ou a falta dela) atribuída às atividades femininas. De fato, o tratamento em separado das mulheres podia servir para confirmar sua relação marginal e particularizada em relação aos temas (masculinos) já estabelecidos como dominantes e universais. (Scott, 2004, p.14)

Nesse contexto, a primeira aparição do conceito de gênero em estudos acadêmicos ocorre em 1958 em um projeto de pesquisa realizado no Centro Médico para estudo de Intersexuais e Transexuais, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Em 1963, o psicanalista Robert Stoller apresentou as descobertas gerais do

projeto e introduziu o termo “identidade de gênero” em um congresso de psicanálise, utilizando o conceito dentro de um quadro de distinção entre biologia e cultura

[...] de tal modo que sexo estava vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso, morfologia) e gênero à cultura (psicologia, sociologia). O produto do trabalho da cultura sobre a biologia era o centro, a pessoa produzida pelo gênero – um homem ou uma mulher. (Haraway, 2004, p.216)

Posteriormente, estes trabalhos deram origem e popularizaram a versão interacionista do paradigma da identidade de gênero através de uma grande quantidade de programas terapêuticos e de pesquisas sobre as “diferenças de sexo/gênero”, o que incluía cirurgia, aconselhamento, pedagogia, serviço social, e assim por diante. Neste movimento, surgiu o livro de Money e Ehrhardt, “*Man and Woman, Boy and Girl*” (Homem e mulher, menino e menina) que foi amplamente utilizado nas escolas secundárias e universidades dos Estados Unidos (Haraway, 2004).

Segundo Haraway (2004), a construção em andamento do que seria sexo ou do que seria mulher tornou-se algo difícil de teorizar, a não ser pela divisão do que seria a “má ciência” - na qual a mulher emerge como naturalmente subordinada. Assim, a biologia tendia a tratar o corpo por si mesmo e não um discurso social aberto à intervenção, fazendo com que as feministas argumentassem a favor do construcionismo social e contra o determinismo biológico, tonando-se menos capazes de “desconstruir como os corpos, incluindo corpos sexuados e racializados, aparecem como objetos de conhecimento e lugares de intervenção na biologia” (Haraway, 2004).

Essa breve retomada histórica demonstra o quanto as discussões sobre sexo e gênero foram pautadas pelas mulheres e, principalmente, pelos movimentos feministas, onde as categorias homem e masculino serviam como ponto de partida para se pensar ou se contrapor a outras problematizações, podendo ser vistas como categorias não-marcadas. Dentro da antropologia, Gutmann (1997) chama atenção para essa questão e também destaca que os antropólogos desempenharam um papel significativo contribuindo no desenvolvimento e popularização nas definições e distinções sobre modelos êmicos de masculinidade, feminilidade e sexualidade.

Entretanto, as visões expressas estavam longe de ser claras. Durante o período em que a antropologia tomava forma, diversos círculos intelectuais na Europa e Estados Unidos estavam enfrentando os desafios dos conceitos modernos de masculinidade e homem como categoria “não marcada” – homens não-masculinos e mulheres não-femininas tornavam-se cada vez mais visíveis, apontando relações possíveis entre os estudos de gênero em sua relação com questões relativas à sexualidade (Rubin, 1975).

Torna-se relevante apontar que a categoria gênero, problematizada pelos estudos feministas e tão importante para diversas áreas do conhecimento, ainda sofre alguma resistência quando se trata de masculinidades sendo, muitas vezes, relacionada somente a estudos feministas ou LGBTQIA+. Este ponto parece ser um desafio que ainda está sendo vencido, dado que vivemos em sociedades sexistas e estas categorias nos são apresentadas como estabelecidas desde o nosso nascimento, fazendo com que seja necessário um esforço para pensarmos a realidade fora deste padrão.

Partindo de Scott (2007), a motivação para avançar nos estudos de gênero surgiu da necessidade de apontar e modificar as desigualdades entre homens e mulheres. Mais que isso, entre as pesquisadoras feministas existe “uma preocupação em modificar a representação de outros grupos deixados fora da história em razão da raça, etnicidade e classe, tanto quanto em razão do gênero” (Scott, 2007). Entretanto, a autora destaca que

Ainda que sejam fáceis de fazer, essas afirmações são difíceis de implementar, especialmente se nos falta uma análise de como as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas. (Scott, 2007, p.14)

Neste mesmo sentido, Butler (2003) aponta a interseccionalidade que atravessa o conceito de gênero

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália

específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se construiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que ela é invariavelmente produzida e mantida. (Butler, 2003, p.20)

Butler (2003) ainda argumenta que o ponto de partida de uma teoria social do gênero considera posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma relação de sujeitos socialmente construídos, em contextos especificáveis. Portanto, o que o gênero “é” refere-se sempre às relações construídas em um contexto dado.

Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relação cultural e historicamente convergentes. (Butler, 2003, p.29)

Nicholson (2000) nos apresenta as duas linhas principais utilizadas atualmente em relação ao gênero, mostrando que ele pode ser abordado de maneiras diferentes. Por um lado, como foi visto, o gênero é utilizado para descrever a oposição entre o que é socialmente construído e o que é biologicamente dado, fazendo referência à personalidade e comportamento e não ao corpo. Ou seja, gênero e sexo são compreendidos como distintos. Por outro lado, “gênero” tem sido utilizado como referência para qualquer construção social que envolva a distinção entre masculino e feminino, incluindo as que separam corpos de homem e corpos de mulher.

Esse último uso apareceu quando muitos perceberam que a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece. Mas se o próprio corpo é sempre visto através de uma interpretação social, então o "sexo" não pode ser independente do "gênero"; antes, sexo nesse sentido deve ser algo que possa ser subsumido pelo gênero. (Nicholson, 2000, p.9)

Scott (2007) esclarece ainda mais esta questão:

[...] gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida. (Scott, 2007, p.13)

A diferença sexual deve ser vista levando em conta que nosso saber sobre o corpo não é puro, não pode ser isolado das suas relações com uma ampla gama de contextos discursivos, sendo assim, uma organização variada que deve ser, ela própria, explicada (Scott, 2007).

Assim, conforme Butler (2003), o gênero parte de significados culturais assumidos pelo corpo sexuado. Não sendo decorrente de um sexo desta ou daquela maneira, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (Butler, 2003, p.24)

Dessa maneira, podemos considerar o gênero como estilo corporal ou um ato, que é performativo, já que sugere uma construção dramática e contingente do sentido (Butler, 2003). Assim, a ação do gênero requer uma performance repetida, sendo a repetição ao mesmo tempo a reencarnação e uma nova experiência de significados já estabelecidos socialmente.

As ações de gênero possuem dimensões temporais e coletivas, de forma que a performance de gênero atua com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – “um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito” (Butler,

2003). Entretanto, o gênero não pode ser visto como uma identidade estável, dado que é instituído num espaço coletivo por meio duma repetição estilizada de atos.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (Butler, 2003, p.201)

Portanto, é fundamental compreender que o sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, já que a significação dos atos que lhe é imposta é anterior a ele e faz parte de um processo de repetição que se impõe por meio da produção de efeitos substancializantes. Assim, toda significação ocorre no campo da compulsão à repetição, onde a ação do sujeito deve ser situada na possibilidade de uma variação dessa repetição.

Onde a construção do pensamento dualista ocidental gera a ideia de oposição e complementariedade do feminino e masculino, associando a passividade e a afetividade ao feminino e em sua “contraparte e complemento” a atividade e a razão ao masculino (Gómez e Güida, 2021). Nesse sentido, os estudos de gênero vêm contribuindo para explicar estes fenômenos que criam as desigualdades entre homens e mulheres, apontando aspectos relacionais entre eles.

2.2 Masculinidades

Os estudos relacionados à masculinidade têm gerado cada vez mais interesse em pesquisadores e acadêmicos dentro dos Estudos de Gênero, já que contribuem para explicar muitos fenômenos que produzem a desigualdade entre homens e mulheres. Entretanto, a maior parte das produções foca em analisar a condição das

mulheres nesta perspectiva ou os aspectos relacionais entre mulheres e homens. Connell (1998) destaca:

As perguntas referentes aos homens são inevitáveis porque o gênero é um sistema vivo de interações sociais e não um sistema fechado hermeticamente. O que afeta a posição social das mulheres e das meninas inevitavelmente afeta também a posição social dos homens e meninos. Atualmente, muitos homens reconhecem que se está questionando sua posição, que devem reconsiderar o que antes davam por certo a respeito da organização de gênero. Gostem ou não da situação, não podem ignorá-la. Ultrapassamos um limite e devemos continuar reconsiderando o assunto. (Connell, 1998, p.76)

Contudo, incluir discussões feministas nas análises acerca dos homens, nem sempre foi unanimidade. Em 1970, nos Estados Unidos, quando surgiam os primeiros estudos das masculinidades, os pesquisadores buscavam contribuições de diferentes movimentos sociais como os dos direitos civis, movimento feminista e o movimento de liberação homossexual, questionando os privilégios e a hegemonia do homem branco heterossexual. Assim, os estudos das masculinidades se dividiam em duas linhas: aquelas associadas ao feminismo e as que reivindicavam uma análise da masculinidade autônoma desse referencial teórico e político.

Sendo que as primeiras analisaram a construção social da masculinidade e têm sido realizadas por homens que afirmam os seus vínculos com o movimento feminista e os desenvolvimentos da teoria feminista. As segundas foram influenciadas por uma literatura de ampla difusão inspirada no movimento mito-poético surgido ao redor do livro de Robert Bly, “João de Ferro: um livro sobre homens”. (Viveros Vigoya, 2018, p.42)

Na América do Norte, na década de 70 e 80, as principais disciplinas que davam conta da masculinidade eram a psicologia e a sociologia, enquanto nos anos 90 se destacaram as análises culturais e literárias. Conforme Gómez e Güida (2021), cada vez mais estão surgindo trabalhos com foco no homem e na masculinidade. Os autores apontam diversas razões pra que isso ocorra, destacando cinco principais possibilidades: (1) insuficiência de marcos teóricos para explicar o comportamento dos homens; (2) o fracasso de programas de controle de natalidade dirigido aos homens em países subdesenvolvidos; (3) as dificuldades em incorporar pautas de auto

cuidado no que se refere à transmissão de HIV; (4) a maior visibilidade dos direitos das mulheres; (5) a resistência dos homens em modificar a ideologia patriarcal (Gómez e Güida, 2021, p.5).

Os estudos sobre a masculinidade surgem de diversos lugares como a produção de intelectuais feministas, historiadores e antropólogos que abordam o gênero em diversas culturas. Gómez e Güida (2021) também destacam que muitos dos trabalhos relevantes acerca da masculinidade não incorporam produções feministas. Estas produções oscilam entre continuidades, restaurações (da “masculinidade perdida”) e rupturas da masculinidade; vitimizam ou julgam os homens em relação aos seus comportamentos; e, em alguns casos, esquecem a análise de componentes étnicos e de classe social.

Connell (1998) argumenta que já existem avanços dentro do campo das masculinidades:

Inicialmente, os estudos sobre masculinidade partiam do conceito de “papel sexual masculino”. Este enfoque enfatiza a aprendizagem de normas de conduta e possuiu grande popularidade em áreas aplicadas como na educação e na saúde. Entretanto, a teoria de papéis sexuais não permite compreender as diferentes manifestações da masculinidade, nem tampouco o poder e a dimensão econômica do gênero. Consequentemente, as pesquisas mais atuais sobre os homens e masculinidades avançaram para além das abstrações dos “papéis de gênero” e chegaram a um exame muito mais concreto de como se exerce o gênero. (Connell, 1998, p.77)

Bento (1999) destaca outras contribuições para a mudança de olhar sobre a masculinidade:

Um leque muito amplo do sistema simbólico que legitimava a ideologia das relações de gênero, baseado da binaridade, hierarquia e assimetria vêm sendo questionado, como por exemplo, a virgindade como símbolo do maior patrimônio feminino; a forma de funcionamento das famílias; a representação da mulher como inferior ao homem; vinculação exclusiva da sexualidade; a reprodução; o código moral assimétrico dos gêneros, que legitimava as condutas masculinas e femininas como opostas e excludentes. (Bento, 1999, pg.35)

Ainda neste sentido, Viveros Vigoya (2018) propõe uma “dupla virada” envolvendo os estudos feministas e de gênero sobre homens e masculinidades:

[...] uma primeira, em direção à masculinidade como tema de estudo legítimo enquanto elemento da estrutura de gênero; e uma segunda, a partir dos corpos daqueles que desfrutam das vantagens patriarcais, em direção à crítica de sua participação e responsabilidade nesse ordenamento de gênero. (Viveros Vigoya, 2018, p.18)

Quanto aos estudos mais atuais que já incorporam o conceito de gênero, Connell (1998) faz uma análise das produções realizadas nos últimos anos, apontando as tendências dentro dos estudos de masculinidade:

- 1 – Há diversas construções de gênero, dependendo de diversas culturas e momentos históricos, por isso existem múltiplas manifestações da masculinidade, inclusive em cada cultura.
- 2 – Existe um ordenamento hierárquico das masculinidades em cada cultura, com um modelo hegemônico que opera como veículo de poder de gênero, que pode ou não ser a forma de masculinidade mais frequente em um determinado contexto.
- 3 – As instituições e os grupos, assim como os indivíduos, geram e sustentam diferentes formas de masculinidade.
- 4 – As masculinidades são uma construção cultural, produto da interação social e geradas a partir de estratégias e recursos disponíveis nas próprias comunidades.
- 5 – Os distintos tipos de masculinidade não são estados homogêneos, mas contraditórios, gerando tensões entre desejos e práticas.
- 6 – Por ser um produto de processos históricos, as masculinidades são suscetíveis a serem reconstruídas, por processos de gênero e outras interações sociais.

Assim, durante diversos períodos (principalmente quando há maior mobilização do movimento feminista - “ondas do feminismo”), como no momento atual, podemos apontar uma “crise da masculinidade”, que causa divergências sobre sua origem, sua forma e, até mesmo, sua existência. Alguns autores acreditam que essa crise seja resultado do desconforto masculino, frente às conquistas das mulheres no mundo contemporâneo (Grossi, 2004). Por outro lado, a crise pode ser atribuída a processos

de mudança nas relações entre homens e mulheres na constituição de seus processos identitários. Essa questão é muito mais complexa, visto que atualmente se observam diversos modelos de masculinidade no Brasil, masculinidades que se afastam do modelo tradicional de força e dominação, que, tradicionalmente, definia o homem. Dessa forma, é importante manter em mente que há uma variedade de masculinidades, conforme Michel Kimmel ressalta:

[...] os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida. Isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos. (Kimmel, 1998, p.106)

Dessa forma, nos afastamos de considerar a masculinidade como algo dado, visto que ela se constrói discursivamente e ao longo do tempo, não existindo um masculino natural ou biológico, mas sim uma produção múltipla de sentidos que dão unidade à diversidade física, cultural, sexual dentro de um marco comum. Ainda que haja uma disputa entre os diversos discursos da masculinidade, existem aqueles que se legitimam através da repetição. Conforme Butler

Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade. Assim, o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais e obscurecido pela credibilidade dessas produções – e pelas punições que penalizam a recusa de acreditar neles; a construção “obriga” nossa crença em sua necessidade e naturalidade. (Butler, 2003, p.199)

Viveros Vigoya (2018) ainda chama atenção para a dimensão relacional das masculinidades, sendo uma ideia construída a partir da oposição à feminilidade e em

contraste com distintas masculinidades em diversas relações sociais – de classe, idade, raça, etnicidade, cor de pele e região - que também organizam hierarquicamente os vínculos entre os homens. Entretanto, ao mesmo tempo, há um conjunto de normas da masculinidade que se impõe a todos os homens na forma de mandados comportamentais e morais, apesar de toda a pluralidade.

Nesse sentido, as masculinidades se organizam hierarquicamente, sendo que, quem ocupa o topo é a masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013). Este ideal de masculinidade está no alto da escala de sucesso social, sendo, por isso, perseguido por diversos sujeitos (auto)entendidos socialmente como homens. Tais pessoas buscam encarnar padrões que estão associados a determinadas ideias sociais, tais como virilidade exacerbada, superioridade em relação às mulheres e afastamento de outros sujeitos homens tidos como não masculinos. Essa imagem também parece se coadunar com um determinado modelo tradicional de família, sendo reafirmado e reforçado pela mídia, que expõe os modelos de masculinidade e feminilidade como padrões a serem seguidos.

A masculinidade hegemônica, portanto, além de um ideal, é uma prática que legitima a posição de dominação dos homens na sociedade, justificando a subordinação de mulheres e outros homens que não sigam o padrão hegemônico (masculinidades subalternas), destacando uma hierarquia de padrões dentro da masculinidade. Dessa forma, essa hegemonia é baseada não na força, mas em um conjunto de características de masculinidades socialmente dominantes como o consenso cultural, a centralidade discursiva, a institucionalização e a marginalização ou a deslegitimação de alternativas. Assim, a masculinidade é constituída em um processo social, gerado por

[...] modelos de conduta masculina admirável, que são exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia de massa ou celebrados pelo Estado. Tais modelos se referem (mas também em vários sentidos as distorcem) às realidades cotidianas da prática social. (Connell; Messerschmidt, 2013, p.252)

A hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade (celebridades, atletas profissionais, etc), como símbolos de autoridade,

apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles. Assim, é através desse modelo de masculinidade que se definem por identificação ou negação as masculinidades subalternas/alternativas.

A partir dos aportes discutidos na Conferência Sobre Masculinidade (1998), realizada em Oxaca, no México, autores de diversas partes do mundo que estudam este tema sintetizaram, desde os debates mais recentes, as características da masculinidade hegemônica:

Uma característica central na masculinidade hegemônica é a heterossexualidade, a sexualidade exercida com o sexo oposto; um homem que cumpra com as ordens hegemônicas deve ser heterossexual. A heterossexualidade também se torna um fato natural (Lamas 1995; Lagarde 1992; Kaufman 1995; Rubin 1987; Kimmel 1997; Connell 1995; Fuller 1997; Ramírez 1993; Gilmore 1994; Badinter 1993; Valdés y Olavarría 1998; Olavarría et al 1998). A masculinidade hegemônica associada à sexualidade – heterossexualidade – e ao controle do poder pelos homens é uma masculinidade e renuncia o feminino; valida a homossociabilidade – a relação com os seus pares, como a que realmente importa – e o persistente escrutínio por parte dos outros homens; aprova a homofobia e sustenta o sexismo e o heterossexismo (Marqués 1992; Kimmel 1997; Kaufman 1987). (Gómez, Güida, 2021, p.10)

Para Gómez e Güida (2021), o modelo hegemônico de masculinidade se relaciona diretamente com o modelo econômico neoliberal e, também, salientam que este modelo está presente nas sociedades socialistas e socialdemocratas, nas sociedades indígenas e na cultura gay.

No Brasil, Barbarini e Martins (2018) afirmam que a masculinidade possui um centro gravitacional na ideia de pai de família burguês, branco e heterossexual, se tratando de um modelo disciplinar e biopolítico desejável para assumir o topo na hierarquia da masculinidade hegemônica. Outra questão que destacam é sobre a raça:

A masculinidade hegemônica no Brasil é, além de patriarcal, profundamente racista, já que toma por base organizativa a ficção da existência de raças na espécie humana; é masculinidade branca que, ainda que não assuma tal adjetivação, classifica como bons e maus

os hábitos, costumes, atividades etc., em função de sua aproximação com a cultura branca, construindo-se o mito da branquitude brasileira. (Barbarini e Martins, 2018, p.226)

Dessa maneira, a masculinidade branca torna-se um foco de orientação para o desejo de constituição de si enquanto homem e é a partir dela que se estabelece o lugar das demais construções identitárias, mesmo que a pluralidade de corpos e desejos demonstre sucessivos escapes a essa narrativa de profundas implicações políticas (Barbarini e Martins, 2018).

A masculinidade branca representa, portanto, o centro silencioso da organização da masculinidade brasileira, sendo vista como hierarquicamente superior, mais espiritualizada, como um locus a partir do qual se dirá o que é o outro. (Barbarini e Martins, 2018, p.228)

Quanto à hegemonia heterossexual e branca, Viveros Vigoya (2018) faz uma retomada histórica situando questões de gênero e raça, a partir do momento pós-colonial, sobre o processo de branqueamento da América Latina, o qual colocou o homem branco no ponto alto desta hierarquia. Após a independência do controle metropolitano espanhol e português, o branqueamento tornou-se uma ideologia em relação com a identidade nacional, amparado por um imaginário hierarquizado que justificava a dominação por parte das pessoas brancas. Outro fator que também influenciou a criação de uma diferenciação estética entre as pessoas foi a crescente urbanização, criando uma relação direta entre aparência física (porte, beleza) com a virtude, a honra e os bons costumes, em detrimento de um perfil rural. Assim, se criou um *ethos* ideal de comportamento centrado nas qualidades necessárias para o crescimento econômico: capacidade de entrega ao trabalho, conduta moderada e virtuosa, racionalidade produtiva e busca de um benefício estável e contínuo (Viveros Vigoya, 2018).

A associação entre hábitos, determinados valores e certas características externas às pessoas contribuiu para que os ideais burgueses de enriquecimento, moderação, expressão verbal apropriada, “bom comportamento”, ordem e nacionalismo fossem intimamente relacionados a cor de pele branca, percebida como “um todo”, no qual aparência física e valores se confundiam (Viveros Vigoya, 2018, p.136).

Dessa forma, com a ausência das hierarquias designadas pelo sangue - característica do período colonial - era necessário um novo arsenal ideológico e “científico” onde a moral (valor tradicional da burguesia) desempenhava papel central. A honra (ou respeitabilidade social) e higiene social foram associadas à sexualidade da mulher, de forma que era responsabilidade do homem proteger suas famílias de agressões sexuais – sedução e estupro - de outros homens, evitando que sua honra fosse manchada. Dessa maneira, a moral sexual permitiu legitimar as hierarquias de classe.

Adicionalmente, homens mais próximos à negridade ou a indigeneidade foram percebidos de forma dual quanto a sua sexualidade: como ameaça às mulheres brancas e a pureza do corpo social nacional, por sua sexualidade supostamente incontrolável e como representantes de uma masculinidade viril e poderosa, necessária para garantir a solidez do projeto nacional (Viveros Vigoya, 2018). Assim, os únicos possíveis detentores da virtude e honra seriam os homens brancos heterossexuais de classes superiores, responsáveis pelo monopólio das regras de controle moral.

Segundo a autora, a masculinidade branca ainda desempenha um papel importante na consolidação e estabilidade político-econômica na América Latina, perpetuando a criação de identidades nacionais hegemônicas que asseguram a continuidade de sua posição no controle político e na dominação simbólica, de forma que a imagem de branquidade – sinônimo de modernidade, progresso e unidade nacional – nunca desapareceu.

Dessa maneira, Viveros Vigoya pontua

[...] que a classe e raça distribuem de forma desigual os benefícios e os custos das relações de gênero e definem experiências e representações diferenciadas da masculinidade. Os homens que obtêm benefícios patriarcais e raciais e aqueles que sofrem os custos impostos pela ordem da masculinidade hegemônica e da supremacia branca, não são os mesmos. Os primeiros detêm a autoridade dentro do Estado, controlam instituições coercitivas e são reconhecidos pela mídia. Se eles sofrem alguns inconvenientes relacionados às rivalidades políticas e sua posição de objeto de escrutínio público, essas desvantagens são, como assinala Connell, as condições de seus privilégios. No outro extremo do espectro social, os homens negros realizam trabalhos pouco qualificados, mal remunerados e

pouco reconhecidos; eles fazem parte dos grupos mais expostos ao controle policial, eles levantam suspeita no espaço público se apressam o passo, se cruzamos com eles na rua à noite porque tememos que eles sejam delinquentes; eles são reificados e estereotipados, transformados em objetos sexuais e homens hiper viris. (Viveros Vigoya, 2018, p.182)

Retomando a questão dos homens e masculinidade no Brasil, recentemente, uma iniciativa do site *Papo de Homem* em conjunto com outras instituições, levantou o perfil dos homens no Brasil. Contando com a participação de mais de quarenta mil homens em sua etapa quantitativa, o cenário no Brasil demonstra que os modelos hegemônicos de masculinidade ainda predominam o imaginário dos homens entrevistados, como se pode ver na imagem abaixo:

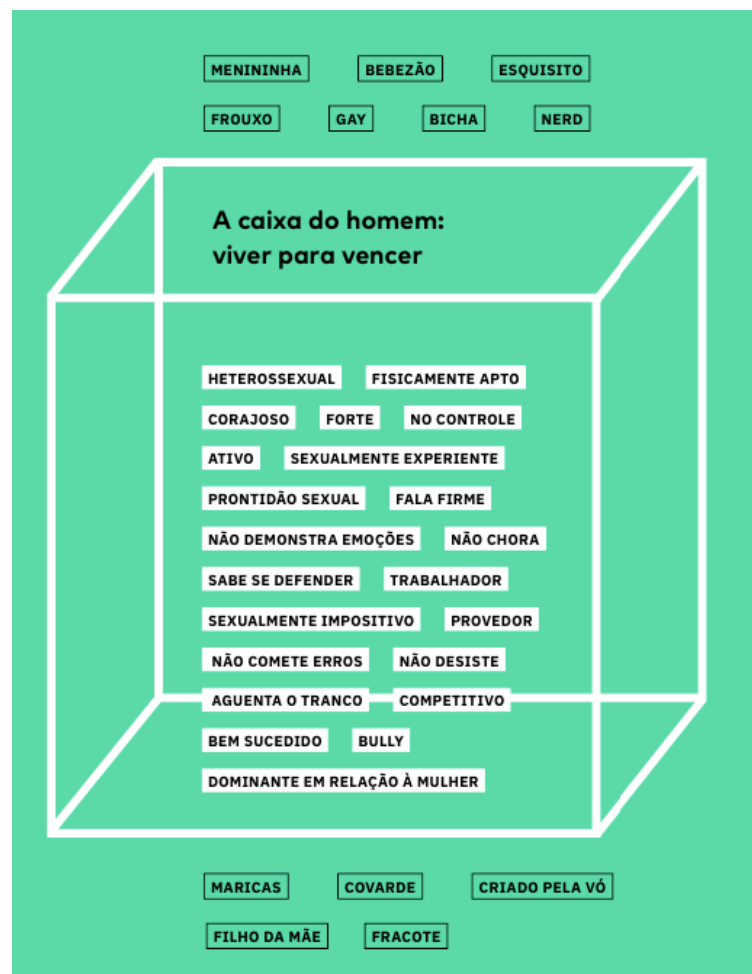


Figura 1 - "A caixa do homem" - Esse conceito resume boa parte do sufocamento da masculinidade: esteja sempre dentro da caixa - ou correrá o risco de ser julgado menos homem. Fonte: *O Silêncio dos homens - Vol. 1* (2019)

Dessa maneira, fica claro que comportamentos vinculados à feminilidade, fragilidade, sensibilidade ou homossexualidade não fazem parte deste “homem modelo”. Como salienta Bento:

O homem aprende, desde os primeiros momentos de sua vida, a estruturar seu comportamento de tal forma que não demonstre qualquer sinal de sensibilidade, afetividade, ou qualquer comportamento identificado como sendo do campo emotivo feminino, inclusive com os filhos, pois pode ser rotulado de fraco ou gay. (Bento, 1999, p.38)

Embora dominante, a masculinidade hegemônica permite uma possibilidade de mudança, visto que não é algo estático, porém construído ao longo da história e de um contexto. Dessa forma, participando de um grupo de homens que traz novos elementos para essa construção social, surge a possibilidade de os indivíduos repensarem a masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013).

As formulações originais depositaram alguma ênfase na possibilidade de transformação das relações de gênero e na ideia de que um padrão dominante de masculinidade estava aberto à contestação – da resistência das mulheres ao patriarcado, e dos homens como portadores de masculinidades alternativas. [...] Essas mudanças podem suscitar novas estratégias nas relações de poder (por exemplo, os contratos conjugais entre pessoas do mesmo sexo) e resultam em redefinições da masculinidade socialmente admirada (como o parceiro doméstico, em vez do patriarca vitoriano). (Connell; Messerschmidt, 2013, p.263)”

Essa possibilidade de mudança, que surge da interação das mulheres e masculinidades hegemônicas e subalternas, demonstra a importância de se buscar agir em grupos sociais, visando uma redução na desigualdade de gênero entendida como redução de aspectos danosos à sociedade. Dessa forma, os movimentos que buscam desconstruir os padrões de uma hegemonia nociva podem ser vistos como um princípio de transformação. Essa mudança não concerne somente aos homens,

mas a toda sociedade e perceber que existem iniciativas neste sentido, aflorando em diversos espaços, demonstra a urgência do assunto.

A seguir analisaremos duas obras audiovisuais, no formato de documentário, que procuram questionar a construção social da masculinidade atual, procurando estabelecer o quanto os comportamentos associados a masculinidade hegemônica prejudicam a sociedade como um todo.

3. ANTROPOLOGIA E CINEMA

A antropologia e o cinema andam juntos desde a década de 40. Ao longo deste percurso houve momentos em que estiveram mais próximos ou mais afastados, mas sempre a análise de filmes se mostrou útil para este campo e atualmente é bastante discutida.

Uma questão levantada frequentemente trata sobre a relevância deste tipo de investigação dentro da antropologia, de maneira que Weakland destaca:

Este tipo de análise é interessante por si só, em parte por ser diferente e especial e parte por ser surpreendentemente próxima aos interesses e métodos da antropologia tradicional. Ambos possuem potenciais teóricos e práticos, especialmente nos estudos de grandes e complexas culturas contemporâneas; contudo essas potencialidades só podem ser testadas com um trabalho empírico intensivo. (Weakland, 1995, p.45)

O cinema enquanto arte, não é a realidade em si, entretanto faz parte dela e é partindo desse olhar que podemos pensar esta aproximação. Sendo o tempo e o espaço fílmico o local onde podemos analisar símbolos interpretáveis que correspondam à disciplina antropológica (Reyna, 2019). Dessa forma, os filmes podem ser tratados como documentos culturais, pois ao projetar

[...] imagens estruturadas do comportamento humano, interações sociais e a natureza do mundo, os filmes ficcionais das sociedades contemporâneas são análogos em sua natureza e significância social às histórias, mitos e rituais, e cerimônias em sociedades primitivas, as quais os antropologistas estudam extensamente. (Weakland, 1995, p.54)

A análise antropológica deve identificar e descrever o conteúdo do filme, relacionando seus aspectos com questões culturais, sendo muito úteis para o estudo de padrões gerais da cultura. Assim, os filmes ordenam e definem as experiências do cotidiano, apresentando uma interpretação de um segmento da vida, selecionando, estruturando e ordenando as imagens de certos comportamentos (Weakland, 1995).

Dessa forma, neste capítulo iremos explorar inicialmente um breve histórico da relação da antropologia com o cinema, em seguida observar as metodologias que foram surgindo ao longo do tempo, para então realizar a análise dos filmes: “*The mask you live in*” (2015) e “O silêncio dos homens” (2019).

3.1 Breve Histórico

O cinema e a antropologia surgiram no mesmo período, no fim do século 19, e desde então já criavam laços. Conforme apontou o antropólogo e cineasta Marc-Henri Piault (Hikiji, 1998), os primeiros filmes exibidos no cinema já apresentavam traços etnológicos, mostrando saídas de fábricas ou refeições de crianças, de forma que redescobriam o cotidiano, com seus gestos, costumes e valores. Já os filmes que buscavam retratar “o outro” datam de 1897, entretanto não possuíam pretensões etnográficas, mas sim, divulgar o exótico. Em seguida, em 1898, começaram a surgir os primeiros filmes etnográficos pensados para documentar a realidade da pesquisa de campo (Hikiji, 2012). Assim, surge além do antropólogo cineasta, também o antropólogo espectador que vislumbra o filme como objeto de análise, dedicando-se a decifrá-lo. O filme se torna o “campo” onde o pesquisador irá observar e interpretar a partir do olhar da antropologia.

Dessa maneira, as primeiras análises fílmicas surgem a partir de uma demanda da guerra, onde - durante a Segunda Guerra Mundial - os EUA procuravam conhecer melhor as sociedades estrangeiras inimigas (Alemanha e Japão), buscando prever seu comportamento no campo de batalha. Como os pesquisadores não tinham acesso presencial a estas culturas, passaram a analisar materiais escritos (histórias e novelas) e, principalmente, filmes produzidos por estas sociedades, além de discutir as questões em entrevistas com estrangeiros que viviam no país (Hikiji, 2012).

A obra mais conhecida deste período é o livro “O Crisântemo e a Espada” (1946), de Ruth Benedict, que analisa a sociedade japonesa. Assim, a autora -

pioneira no campo dos estudos de cultura e personalidade - aplica seus modelos ou padrões culturais (de seu livro anterior "*Patterns of Culture*", 1934) para tentar explicar esse país ao ocidente. Dessa forma, Benedict

[...] inspira várias das análises fílmicas realizadas nesse período. A busca pelos "padrões culturais", pela compreensão do comportamento humano moldado pelas tradições, pelos traços psicológicos das culturas, pelo *ethos* de um povo será a tônica dos trabalhos produzidos pelo grupo da Universidade de Columbia. (Hikiji, 2012, p.34)

Estes padrões de cultura que, conforme Weakland (1995), seriam mais nítidos em filmes do que na vida cotidiana, por representar uma unidade mais ordenada e definida.

Neste mesmo período, Bateson e Kracauer desenvolveram análises da sociedade alemã a partir de filmes. Bateson optou por focar em um único filme nazista (*Hitlerjunge Quex*), de 1942, que expressava os valores nazistas na sociedade, sendo que o autor buscava responder a uma única pergunta: que tipo de pessoas eram os nazistas? Já Kracauer abordou produções entre 1919 e 1933, para compreender o contexto de mudança social que permitiu a ascensão do nazismo. Ambos autores traziam interpretações tanto psicológicas, quanto sociais para as obras.

Já no pós-guerra, Benedict inaugura um grupo de trabalho na Universidade de Columbia (ao qual Mead dá continuidade) durante o período de 1947 a 1953. Este grupo envolveu 120 pessoas, de 14 disciplinas e 16 nacionalidades, tendo como ponto de partida os padrões de cultura de Ruth Benedict. Sua finalidade era discutir e aplicar diferentes análises em diferentes filmes, o que proporcionou uma ampliação da área e o desenvolvimento das possibilidades de pesquisa. As experiências adquiridas durante este convívio resultaram no livro "*The study of culture at a distance*" (1953) de Mead e Métraux.

Este "manual" reúne uma série de artigos de pesquisadores que trabalhavam nos quadros do projeto *Research in Contemporary Cultures*, conduzido por Ruth Benedict na Universidade de Columbia a partir de 1947. [...] Entre os trabalhos reunidos na obra, há pesquisas que têm como material empírico as mais variadas formas de produção cultural; não se trata apenas do uso de testes projetivos (amplamente utilizados por alguns antropólogos desde os anos trinta), mas, reiteramos, de obras literárias e autobiografias, contos populares, rituais e festas nacionais, cartas de imigrantes, filmes, manuais escolares e de ensino de estratégias do jogo de xadrez. (Reyna, 2019, p.14)

Após um intervalo em que poucas pesquisas com base em filmes foram realizadas, na década de 60 foi retomado esse formato de investigação, desta vez para decifrar a restrita China, uma sociedade inacessível para os ocidentais, pautando as análises a partir de propagandas políticas da época. O cinema retorna à pauta da antropologia de forma mais relevante nos anos 80, dessa vez ganhando novas abordagens.

O cinema passa a ser o objeto de pesquisa e a fonte de reflexão. É proposta a transposição dos princípios cinematográficos para a escrita etnográfica. São realizadas leituras etnográficas de documentários e de diretores. O cinema é pensado como rito de passagem. As representações étnicas impressas em um celuloide são tematizadas. O cinema “é bom para pensar”. (Hikiji, 2012, p.50)

Continuando com as discussões, novas formas de análise de imagens foram sendo acrescentadas às já propostas, sendo que, atualmente, podemos recorrer a todas essas experiências anteriores, incorporando e adaptando-as conforme as características do objeto estudado. A seguir, detalharemos um pouco mais as questões metodológicas, que participam deste campo, para podermos aplicá-las da melhor forma na análise dos filmes propostos para esta investigação.

3.2 Filmes e Metodologias

Benedict é pioneira nos estudos de imagens e aplicou seus estudos de cultura e personalidade na interpretação dos filmes, fundando as bases para as análises de filmes. Assim, as investigações

[...] se interessam pela forma como os indivíduos de uma dada tradição histórica aprendem modos particulares de uma cultura e os perpetuam em outros indivíduos. Cultura é entendida como um sistema de comportamento aprendido, compartilhado pelos membros de um grupo. Os estudos de cultura e personalidade também partem do pressuposto que sociedade, cultura e personalidade não podem ser postuladas como variáveis completamente independentes e nem tomadas como objetos de disciplinas separadas. (Hikiji, 2012 p.37)

Dessa maneira, essa linha possui uma abordagem psicológica da cultura, buscando a base comum dos diversos caminhos pelos quais o homem constrói modos distintos de vida para si. Entretanto, a autora ressalta que estes processos psicológicos específicos de uma cultura, apresentados no filme, não podem ser transferidos diretamente para a realidade. Mesmo assim, existem possíveis conexões entre a fantasia e o comportamento real que podem ser complementares ou similares.

Outra referência no princípio das discussões acerca das questões de análises de filmes é John H. Weakland. O autor defende o estudo dos filmes ficcionais pela proximidade com métodos antropológicos tradicionais, pois os filmes seriam documentos culturais que projetam imagens do comportamento social por serem ficcionais (Hikiji, 2012).

Para o autor, essas imagens podem refletir premissas culturais e padrões de pensamento e comportamento. Eles podem influenciar o comportamento de espectadores e iluminar o comportamento real, se forem similares ou diferentes dele. Mas a principal finalidade entre o estudo de filmes e a antropologia estaria na possibilidade da analogia entre os filmes ficcionais e os mitos e ritos. (Hikiji, 2012, p.42)

O autor ainda destaca que essa relação (cinema/mitos e ritos) possibilita o elo entre a análise da ficção com a realidade, sem confundir essas duas dimensões.

Weakland estabelece os seguintes pontos em comum entre filmes e mitos: ambos projetam imagens estruturadas do comportamento humano, da interação social e da natureza do mundo e refletem a vida social, sem ser, necessariamente, descrições realistas da vida cotidiana. (Hikiji, 2012, p.43)

Gregory Bateson (1956) leva adiante essa relação dos filmes com os mitos, apontando que a produção de um filme é coletiva e não obra somente do diretor, assim como os mitos. O autor mostra que o resultado final de uma obra cinematográfica é de um trabalho em equipe, uma reunião de perspectivas que se unem em um único material, pois inclui o olhar do fotógrafo, a sensibilidade do músico para a trilha sonora, a escolha das locações e cenários e assim por diante. Bateson mostra a propriedade fílmica em registrar mitos: a manifestação de seus valores, ideias e imagens. Assim,

as inúmeras exibições de um filme equivaleriam ao recontar dos mitos nos tempos atuais, que serve para a fixação de representações veiculadas na história.

Já Kracauer em sua obra *Theory of film* (1960) destaca que o que mais interessa no cinema é o conteúdo, pois é onde se apresenta a vida como ela é, sendo uma forma de transmitir ideias, emoções e valores. Dessa forma, as imagens em movimento, por sua verossimilhança, seduzem e cativam o espectador transportando-o para dentro do filme.

Por esse motivo, o filme é um elemento útil para recolher a emoção do mundo, expressando as relações que podem se estabelecer entre as coisas e os homens, entre o espaço e o indivíduo. Essa experiência exige interpretação e análise. (Reyna, 2019, p.17)

Na década de 80, Shohat e Stam (1995) trazem mais um elemento para as análises, ressaltando a importância de se dar atenção às dimensões cinematográficas dos filmes, levando em conta o espaço que cada representante de grupos abordados (negros, latinos, índios, etc) ocupa na tela. Nesse sentido, torna-se relevante observar o plano e a distância em que aparecem, durante quanto tempo, se são personagens ativos e atraentes, o que expressa sua postura e expressão facial (Hikiji, 2012).

Atualmente a maior parte das discussões acerca de filmes dentro da antropologia visual se dá no campo do fazer do filme etnográfico, sobre a utilização de imagens produzidas e a importância do registro imagético no trabalho de campo (Hikiji, 2012). É a partir dessas observações metodológicas que se desenvolvem as análises acerca de obras cinematográficas, entretanto Hikiji (2012) destaca que ainda há um caminho a ser percorrido

Por um lado, as ciências humanas – e, especialmente a antropologia – revelam, nesses trabalhos, “lentes” poderosas para o exercício do olhar. Por outro lado, espanta-me a falta de sistematização dos conhecimentos produzidos na área. Ainda hoje é difícil explicar para um colega o fato de ter escolhido um filme como objeto de pesquisa antropológica. (Hikiji, 2012, p.55)

Apesar de ser um campo historicamente pouco explorado dentro da antropologia, a análise fílmica merece estímulo e desenvolvimento, pois conforme Weakland

Este tipo de análise é interessante por si só, em parte por ser diferente e especial e parte por ser surpreendentemente próxima aos interesses e métodos da antropologia tradicional. Ambos possuem potenciais teóricos e práticos, especialmente nos estudos de grandes e complexas culturas contemporâneas; contudo essas potencialidades só podem ser testadas com um trabalho empírico intensivo. (Weakland, 1995, p.45)

É observando os pontos levantados por estes autores, em relação a análise de filmes, que daremos continuidade a pesquisa, buscando decifrar e contextualizar as obras selecionadas.

4. ANÁLISE FÍLMICA

A partir dos aportes teóricos oferecidos nos capítulos anteriores, neste capítulo iremos realizar a análise dos documentários “The mask you live in” e “O silêncio dos homens”, procurando explorar as questões expostas por eles dentro do contexto antropológico. Por tratarem do mesmo tema, os filmes possuem diversos pontos em comum de forma que este trabalho busca trazer os pontos em que se complementam, realizando a análise de forma individual, mas cruzando tópicos quando necessário.

4.1 The Mask You live in

2015

Documentário | 1h 37min

Direção: Jennifer Siebel Newsom

O filme “*The mask you live in*” faz parte de um conjunto de ações do *The Representation Project*, criado em 2011, que tem como missão “lutar contra o sexismo através de filmes, educação, pesquisa e ativismo”. O projeto surge após a estreia do

primeiro filme da diretora Jennifer Siebel Newsom, “*Miss Representation*” (2011) que expõe como a mídia e a cultura contribuem para uma desvalorização da representação das mulheres em posições de poder e influência, nos EUA. Este primeiro filme surge da experiência de Newsom na indústria do entretenimento, onde atuava como atriz e produtora, e sua percepção de que as mulheres eram subvalorizadas em frente e por trás das câmeras, motivando-a a produzir o seu primeiro documentário.

Dessa forma, o projeto conta com três obras, sendo a mais recente lançada em 2019, “*The Great American lie*” que examina as raízes da desigualdade econômica, pelas lentes do gênero. Além dos filmes, a instituição oferece um programa global para jovens realizadores do audiovisual, com a finalidade de capacitar uma nova geração de agentes da mudança. Em números, seus três filmes foram vistos por mais de 28 milhões de pessoas, suas *hashtags* alcançaram mais de 834 milhões de usuários nas redes sociais e suas propostas de currículo foram utilizadas por mais de 2,5 milhões de estudantes.

Este último aspecto do projeto é interessante ser explorado, pois junto de cada filme é lançado um currículo para discussão do tema abordado. Entretanto, para ter acesso a este programa de ensino é necessário comprá-lo, os valores variam de 99 a 599 dólares, dependendo do que se é contratado, existindo três possibilidades de currículos, para a pré-escola, ensino fundamental e médio e universidades.

No caso do “*The Mask you live in*” este currículo busca encorajar estudantes de todos os níveis a pensar criticamente sobre as formas que os estereótipos de gênero se manifestam em suas vidas (na mídia e em todos os lugares), fazendo o cruzamento com raça e classe, procurando avaliar a influência que estas circunstâncias geram em suas atitudes e comportamentos. Através de atividades em sala de aula o projeto visa discussões que sejam relevantes e significativas para os alunos, proporcionando uma visão questionadora e crítica sobre as normas de gênero e sobre o que é apresentado pela mídia. Dessa forma, o objetivo é dar suporte aos estudantes para que eles possam ser parte de uma resistência contra as pressões sociais que minam e limitam suas integridades, suas relações interpessoais e suas oportunidades.

Conforme foi dito, o acesso a estes programas educacionais é pago, entretanto o site oferece uma prévia dos conteúdos, de forma que há três grandes módulos que servem como ponto de partida (“Gênero nos EUA”, “A Máscara da Masculinidade” e “Relacionamento consigo e com os outros”) mudando apenas o tipo de conteúdo que é abordado para cada nível escolar. Neste sentido, essa prévia demonstra que o material oferece, também, suporte aos facilitadores que irão trabalhar o tema, com indicações de como organizar as atividades em grupo, os debates e lidar com assuntos delicados. Além de apontar a forma de conduzir do próprio facilitador, que deve demonstrar respeito, oferecer um espaço seguro e confiável, mantendo uma comunicação recíproca. Assim, o currículo pretende trabalhar com os alunos oferecendo um olhar crítico sobre o gênero, o processo de socialização, a mídia e os estereótipos que ela produz, visando o empoderamento individual e a construção de relações saudáveis, balizando o debate a partir das experiências expostas pelos alunos.

Apesar de termos acesso apenas a uma fração do programa curricular, fica claro que ele busca trabalhar questões relativas à gênero e masculinidade que antes não participavam do cotidiano escolar. Ainda hoje, falar sobre estes temas nas escolas é considerado tabu e, muitas vezes, são mal vistos pelos pais que por não ter conhecimento do assunto, temem que haja uma doutrinação por parte dos professores. Contudo, ampliar essa discussão abrangendo as mais diversas idades beneficia a compreensão dos indivíduos sobre seus processos individuais e sociais, visto que gênero e sexualidade podem ser fonte de angústia, preconceitos e violência. Dessa forma, torna-se possível qualificar as relações sociais permitindo mais igualdade e respeito.

Esta apresentação do projeto por trás do documentário confirma o que fica evidente na tela, sua finalidade é expor os problemas relacionados a construção da masculinidade, procurando caracterizá-los como um problema coletivo e social, com um enfoque especial para o poder que a mídia tem em reforçar certos comportamentos danosos. Assim, buscaremos analisar algumas das diversas dimensões que esta obra oferece, tratando de temas como: o papel do pai, a violência de gênero, o gênero e a sexualidade e a mídia, pontos abordados ao longo do documentário importantes para nossa reflexão.

Logo no início, o filme nos apresenta uma fala de um homem relembrando suas memórias de infância, em relação a uma figura presente ao longo de todo documentário e que desempenha um papel decisivo (para o bem e para o mal) na vida dos meninos/homens apresentados: **o pai**. Ele recorda do pai o estimulando a dar golpes e socos, exclamando: seja homem! (“*Be a man!*”, em inglês). No documentário, ela é apontada como uma das mais ouvidas ao longo da vida dos homens e serve como uma ferramenta para calar as emoções, especialmente com meninos durante a infância (Bola, 2020), e carrega consigo uma série de silenciamentos. Dessa forma, o pai é exposto como um perpetuador de comportamentos danosos, contribuindo para a manutenção da hegemonia masculina, deixando claro aos filhos que expressar sentimentos, demonstrar vulnerabilidade, chorar e assim por diante, são vistas como fraquezas que devem ser evitadas a todo custo.

Neste sentido, o pai personifica os atributos da masculinidade tóxica, sendo considerado um dos principais responsáveis pela sua transmissão, enquanto os outros agentes apresentados são coletivos: a escola, a sociedade, a mídia e assim por diante, dando ainda mais peso para o seu papel. Entretanto, essa posição de certa maneira reforça um argumento utilizado atualmente de que o pai seria o responsável pela formação da masculinidade dos filhos e que uma família sem pai seria uma família desequilibrada. Claudia Fonseca (2002) ressalta que devemos repensar os conjuntos de valores e práticas familiares para não cair no erro de imaginar um modelo homogêneo, coerente, hegemônico de família tradicional, mas procurar observar a especificidade de cada configuração, resistindo à tentação de erguer um tipo familiar modelo, avaliando todos os outros em função dele. Assim, aquele ideal de família nuclear com um casal heterossexual, unido pelo casamento e criando todos seus filhos biológicos torna-se cada vez menos absoluto.

Neste sentido, é importante pensarmos sobre as mudanças nas configurações familiares ao longo do tempo e o quanto elas afetam o papel masculino nessas relações. Com a queda da dicotomia social em que atribui a vida doméstica a mulher e a vida pública ao homem (Yanagisako; Collier, 1987), o espaço familiar que era visto predominantemente como um lugar da mulher, passa por uma reorganização em que as responsabilidades com os cuidados dos filhos é compartilhada entre pai e mãe. Essa mudança aparece no documentário na cena em que um pai solo relata sua experiência, falando sobre a necessidade de repensar sua construção enquanto

homem. Isso fica claro quando o filho diz a ele: “Papai, eu sou sensível”. Ele então passa a tentar compreender como seria ser sensível e lidar com as emoções, algo que lhe foi negado em sua formação.

A transformação da perspectiva quanto aos papéis desempenhados no seio das famílias impacta diretamente a construção da noção de masculino, a partir da inclusão do homem como figura responsável não só por manter financeiramente a família, mas por efetivamente e afetivamente criar os filhos, surgem questões que antes passavam despercebidas. Ao se questionar o papel dos homens na família, torna-se possível repensar todos os comportamentos masculinos, principalmente os tóxicos. Nesse sentido, o documentário convoca os pais a se indagar sobre seu percurso enquanto homens, sendo agentes da mudança na relação com seus filhos.

Ainda, o pai é apresentado como um agente que reproduz a **violência de gênero** em seus filhos. Esse tipo de violência é, em muitos casos, empregada como sinônimo de violência contra a mulher, mas no documentário ela aparece em uma perspectiva sobre os homens, em quem ela atua disparando outros mecanismos.

A violência de gênero se caracteriza por qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou simbólica que seja relacionada com a identidade de gênero ou orientação sexual da pessoa violentada (Bianchini, 2021). Nesse sentido, o documentário apresenta as diversas formas em que esse tipo de violência se coloca ao longo da vida de meninos e homens. Entretanto, se no caso da mulher há um sujeito concreto que é responsável pela violência de gênero, o homem; no caso dos meninos e homens, essa concretude se esvai, institucionalizando essas atitudes na escola, sociedade e família, sem que seja possível pessoalizar as ações, tornando muito mais difícil defini-la e, portanto, combatê-la.

O filme ilustra muito bem essa questão em diversos momentos. Por exemplo, no relato de um homem com traços orientais é possível perceber o quanto esta violência está presente na sua vida, pois ele era discriminado e agredido na escola por sua aparência, seu tamanho e sua forma de agir. E quando relatava o que ocorria para seus pais, sofria uma nova violência, pois ao invés de acolhê-lo, diziam que deveria resolver por si, revidando as agressões. Assim, tanto na escola, quanto na sua casa era reafirmado o estereótipo masculino de utilizar a violência como recurso, além de supressão das emoções (Gómez, Güida, 2021).

Se no caso das mulheres a violência de gênero caminhou para uma judicialização (Debert; Gregori, 2008), caracterizando um crime, no caso dos homens a violência parece fazer parte do seu desenvolvimento. Esse movimento torna-se quase imperceptível nas relações sociais e sua criminalização perde força, visto que os homens partem de um local de privilégio e dominação dentro da sociedade. Essa violência naturalizada está presente desde cedo e aparece no documentário em um relato de uma mãe sobre seu filho que sofria bullying na escola somente por *ser diferente ou não fazer o que os outros faziam*, sem que os colegas fossem repreendidos por parte dos professores e da instituição.

Assim, a violência é vista como uma característica natural do homem, além de muitas vezes serem educados através da violência e da agressividade, de maneira que, quando chegam na vida adulta a violência é a língua comum das suas experiências. A violência se encontra como um atributo da masculinidade hegemônica e, logo, é defendida como um atributo positivo dos homens, fazendo com que seja mais difícil de ser denunciada. Neste sentido, cabe lembrarmos que a masculinidade não é algo dado, não existindo um masculino natural ou biológico, mas sim uma construção discursiva ao longo do tempo (Butler, 2003) que pode sofrer alterações.

Essa violência praticada no contexto masculino é naturalizada e aplaudida pela mídia, reforçando este silenciamento e ofuscando a possibilidade do diálogo que é a condição necessária e suficiente de uma sociedade justa e igualitária.

A violência está tão presente na vida dos homens que é apropriada até mesmo como uma tentativa proximidade dos corpos buscando intimidade e afeto. Nesse sentido o documentário expõe como a intimidade e as emoções são consideradas feminilizantes e, por isso, os meninos procuram se manter distantes destes sentimentos para não serem tidos como homossexuais. Estas atitudes entram em prática numa tentativa de se manterem próximos da hegemonia masculina para não perderem seu status perante o grupo de amigos.

Em diversas culturas, as expressões de carinho (beijos e abraços) aumentam consideravelmente a possibilidade de um homem ser visto como homossexual, algo indesejável e evitado a todo custo. Conforme argumenta Bento (1999), essas atitudes são aprendidas já no início de suas vidas, impossibilitando o homem a mostrar

qualquer sinal de sensibilidade, afetividade ou qualquer comportamento emotivo que possa ser visto como feminino, podendo ser rotulado como fraco ou homossexual.

Essa condição não é flexibilizada nem mesmo entre membros da família, como visto anteriormente. Ao pai não fica permitido o contato físico, demonstrações de carinho ou qualquer relação afetiva, fazendo com que a relação de intimidade entre pai e filho seja roubada em nome de uma masculinidade inalcançável.

Esse autocontrole é utilizado a fim de evitar a vergonha e o julgamento, organizando as performances dos homens de acordo com as expectativas heteronormativas da sociedade, procurando expor sua virilidade. O filme ainda destaca que para fugir dessa rigidez imposta às demonstrações de afeto, muitos homens recorrem ao álcool e às drogas a fim de flexibilizar essas regras, permitindo que *abracem os amigos e digam o quanto os amam*, abrindo uma brecha para a intimidade.

O medo irracional de ser visto como homossexual gera uma grande repulsa ao feminino, reforçando a visão de uma suposta inferioridade das mulheres para reforçar a sua masculinidade. Este comportamento fortalece a misoginia e potencializa a homofobia, visto que muitos homofóbicos encaram a homossexualidade como um status de quase-mulher.

Estes comportamentos tóxicos, por sua vez, ganham respaldo nos modelos de homens expostos pela **mídia**. O documentário ilustra muito bem esse ponto, pois utiliza cenas de filmes, séries e clipes de música para ilustrar muitas das falas dos especialistas, mostrando o quanto estas atitudes danosas estão presentes neste meio. A mídia desempenha um papel muito importante na criação de estereótipos de masculinidade, criando figuras hiper masculinizadas reforçando a violência (física e simbólica), onde o respeito é sinônimo de agressividade. Dessa forma a mídia contribui para a hegemonia masculina, oferecendo celebridades, atletas, atores e músicos como símbolos de autoridade e é através destes modelos de masculinidade que se definem por identificação ou negação as masculinidades subalternas/alternativas (Connell e Messerschmidt, 2013).

A mídia produz identificações com determinadas ideias, conceitos e políticas de existência, de forma que muito mais produzem uma realidade do que de fato a

retratam, abrindo mão de um papel de espelho da sociedade, tornando-se um elemento criador da sociedade. No discurso midiático, a masculinidade ideal está ao alcance de todos, basta se esforçar para tanto, reforçando a lógica falsa de que vivemos em igualdade de condições para atingir os objetivos impostos por ela. Dessa maneira, convoca para que sejam repetidas determinadas performances preestabelecidas, sugerindo modos de vida como ideais e definindo perfis sociais que conduzem ao sucesso (Hoenisch; Cirino, 2010).

Cabe ressaltar o papel reivindicado pelo “The mask you live in” como o contrário do que é exposto por ele e praticado pela mídia, apesar de fazer parte dela. Assim, busca se posicionar como um espelho da sociedade, com sua lupa voltada para os problemas da masculinidade. Neste sentido, é importante perceber que o filme também desempenha um papel de criador da realidade, entretanto não segue o discurso hegemônico do homem viril dos produtos os quais critica, pelo contrário, ele aponta uma série de comportamentos disfuncionais dos homens e da sociedade que colaboram para uma lógica opressora, sem efetivamente descrever quais são os atributos de um homem ideal, deixando que as possibilidades se criem a partir de seus questionamentos.

Além da mídia, é interessante lançar um olhar crítico sobre os **grupos de homens** que discutem a masculinidade apresentados no documentário. Os grupos que aparecem ao longo do documentário são três: homens sentenciados à prisão perpétua; jovens em um reformatório e jovens negros em uma escola de bairro pobre, todos debatendo sobre questões nocivas atreladas ao masculino. Neste sentido, é produzida uma ideia de que apesar do problema atingir todos os homens, ele está mais presente em alguns espaços sociais e, por isso, deve se buscar uma solução coletiva, reforçando indiretamente que o problema mais grave está na dissidência e não na hegemonia.

Assim, a narrativa fílmica gera uma contradição que serve de suporte para pensarmos as interseccionalidades em relação a masculinidade. Ao trazer grupos minoritários como locais onde o problema da masculinidade deve ser encarado coletivamente, reforça o estereótipo ideal de masculino, apontando homens fora da norma como mais problemáticos que os hegemônicos. Dessa maneira, o documentário replica a lógica da masculinidade hegemônica colocando estas minorias

atravessadas por classe e raça na base da escala de homens (masculinidades) mais ou menos problemático(a)s. Conforme foi visto, Viveros Vigoya (2018) chama atenção para esses cruzamentos nas relações sociais, de classe, idade, raça, etnicidade, cor de pele e região – os quais também organizam hierarquicamente os vínculos entre os homens.



Figura 2 – Grupo de homens – Jovem consola seu colega em uma roda de adolescentes

Apesar da narrativa ser construída dessa maneira, os grupos de homens são apresentados como uma ferramenta importante de questionamento e de transformação da masculinidade que beneficia não só os próprios homens, mas a sociedade como um todo. No documentário podemos ver o quanto estes grupos criam um espaço seguro para que sejam debatidas questões pessoais relacionadas à construção da masculinidade. Ali meninos e homens compartilham suas inseguranças e angústias, compreendendo que elas, em muitos casos, fazem parte da vida de outros integrantes. Juntos aprendem as limitações impostas pela masculinidade e criam alternativas baseados em suas experiências reais, sem pretensão de chegar a um padrão de homem idealizado, mas sim de um homem possível dentro de seus contextos. Assim, essas interações possibilitam uma reconstituição das masculinidades dentro do processo histórico (Connell, 1998).

4.2 O Silêncio dos Homens

2019

Documentário | 1h

Direção: Ian Leite

Assim como vimos no “The mask you live in” com o *The Representation project*, o documentário “O Silêncio dos Homens” também faz parte de um projeto maior, neste caso, do site Papo de Homem (PdH), um portal brasileiro de conteúdo sobre o universo masculino. Segundo seu fundador Guilherme Nascimento Valadares, o Papo de Homem surgiu em 2006 a partir de um sentimento pessoal de solidão por não compreender como ser homem e não se encaixar nos padrões impostos. Aos poucos, conversando com outros homens sobre essa questão, surgiu um grupo de e-mails que cresceu e se tornou um fórum, para a partir dos temas tratados por estes grupos e a união de alguns membros, surgir o Papo de Homem com a intensão de conversar com homens de uma maneira que até então não se conversava. O site já surge com uma visão de negócio com a finalidade de gerar lucro e de sustentar seus criadores.

O PdH se propõe com um espaço para cultivar uma visão de mundo mais ampla, desafiar preconceitos, aprender a viver e se relacionar com mais satisfação através de seus mais de seis mil artigos produzidos por meio de uma rede de autores voluntários (mais de 700 pessoas). Dessa maneira, buscam gerar um conteúdo que vá além do entretenimento e estimule o pensamento crítico e a ação.

Atualmente, dois milhões de pessoas visitam a plataforma a cada mês. Contudo o site não se coloca em uma posição de referência sobre os temas que aborda, mas sim como um local para se compartilhar ideias e crescer juntos. Nas palavras deles: “Gostamos da ideia de nos colocar ombro a ombro, aprendendo e explorando junto com vocês.”⁵. Esclarecem que não buscam nenhum resgate de uma masculinidade antiga ou novos homens, deixando de lado narrativas heroicas e de machos alfa, para viabilizar homens possíveis.

É nesse contexto que é realizado o documentário “O Silêncio dos Homens” que surge a partir de uma pesquisa quantitativa realizada em 2016 e de rodas de conversas entre homens que apontavam para a ideia de que estes não falam sobre seus maiores medos e dúvidas com os amigos. Ao se aprofundarem no assunto,

⁵ Site Papo de Homem – Nossa Visão. Disponível em <https://papodehomem.com.br/nossa-visao>. Acesso 10/11/21

observaram que esse silêncio está na raiz de vários outros problemas como violência doméstica, ausência de mulheres em posições de poder na política e economia, assédio, altíssimas taxas de suicídio, homicídio, mortes no trabalho, encarceramento entre os próprios homens e assim por diante. Esse silêncio possui um sentido amplo, sendo emocional, verbal, social, tanto individual, quanto coletivo, sufocando os sentimentos como a maioria dos homens foi treinada para fazer. Assim, o documentário faz parte de um esforço em reduzir os danos causados por esta maneira de existir do homem que prejudica a si mesmo, as mulheres e a outros homens, procurando repensar os papéis de gênero.

Dessa maneira, a coordenação do projeto é do site Papo de Homem, entretanto para viabilizá-lo contou com o patrocínio das empresas Natura Homem e Reserva, para a contratação de empresas e profissionais de pesquisa de mercado para realizar as etapas qualitativa (com as entrevistas em profundidade e grupos focais) e quantitativa (com a aplicação de questionário on-line), além de uma produtora audiovisual.

O site destaca que com o documentário busca contribuir para que o tema masculinidade seja pautado de modo construtivo, permitindo outras masculinidades possíveis e saudáveis. Nesse sentido, salienta que este movimento não é de homens virtuosos e bonzinhos, de caras *desconstruídoes* sensíveis, muito menos de novos homens, é um movimento de homens comuns. E finaliza ressaltando que o filme é um convite para ampliar o debate sobre o assunto, oferecendo um material informativo chamado “Guia prático para iniciar um grupo de homens”⁶ cujo objetivo é sensibilizar outros sujeitos para a criação de grupos de homens. Neste sentido, há uma nova aproximação com o “The mask you live in”, ainda que, no lugar de um currículo escolar, o que se propõe é a criação de grupos de homens para combater os sintomas da masculinidade tóxica.

Este guia para criação de grupos de homens está disponível de forma gratuita no site, em um de seus artigos, sendo bastante completo por ser baseado na experiência de 11 anos em que o site vem promovendo rodas de debate pelo país. O guia se preocupa em orientar os homens a pensar em todos os detalhes do encontro passando desde questões básicas como o local e sua organização, até a preparação do anfitrião para a condução do grupo, oferecendo uma vasta lista de materiais como

⁶ Site Papo de Homem – “Como criar um grupo de homens, um guia básico”. Disponível em <https://papodehomem.com.br/como-articular-um-grupo-de-homens-guia-basico>. Acesso em 10/11/21

livros, palestras disponíveis online e até cursos pagos para auxiliar nessa tarefa. Assim, o PdH dá uma grande importância para o papel dos grupos como ferramenta de transformação e este ponto fica bastante claro no documentário conforme veremos na análise a seguir.

O documentário “O Silêncio dos Homens” (atualmente possui mais de um milhão e meio de visualizações no Youtube) tendo muitos pontos em comum com o “*The mask you live in*”, abordando temas semelhantes e, em alguns casos, contribuindo com novos olhares para o assunto. A dinâmica se mantém a mesma alternando falas de especialistas com depoimentos de experiências pessoais de homens. Entretanto, um ponto que se destaca é a apresentação de uma maior variedade de grupos de homens discutindo suas experiências em relação a masculinidade.

Assim como no filme anterior, a **figura paterna** está presente ao longo de todo o documentário, sendo discutido em diversos contextos como na vida do homem do campo, na favela e no relato de diversos homens. O pai dos entrevistados mantém a posição de homem com atitudes tóxicas, um exemplo que não deve ser seguido, como no relato de um rapper que diz que considera ser comparado ao seu pai uma forma de ofensa.

A posição do pai como referência perante o filho é apresentada por estatísticas, confirmando que é a partir do pai que são internalizadas muitas das crenças sobre a masculinidade tal como: homem deve ser bem sucedido profissionalmente, não ter atitudes femininas, ser fisicamente forte e não expressar emoções. A essa questão o filme responde trazendo projetos atuais de homens que buscam refletir e se preparar para desempenharem a paternidade, buscando se sensibilizar e entender quais práticas querem replicar com seus filhos. Neste sentido, um dos participantes afirma que os pilares da masculinidade estão mudando e que, no lugar da segurança, procriação e provisão, o homem assume um papel ativo junto aos filhos estando presente através do cuidado e não da imposição. Assim, junto com os grupos de homens, a mudança nos padrões da paternidade pode ser vista como uma contribuição importante para a reorganização das masculinidades (Connell, 1998).

Outro ponto que tem bastante destaque é a contextualização das **masculinidades negras**. Se no documentário americano este assunto fica em um segundo plano, no brasileiro, ele é abordado de forma mais direta. Já no início, um homem negro conta sobre sua socialização em que diziam que para ele conquistar

algo teria que ser 10 vezes melhor que um homem branco e o quanto para ele foi necessário desconstruir essa ideia, pois na busca em se aprimorar enquanto homem seu aspiracional era ser um homem branco, algo que ele jamais poderá alcançar.

Neste sentido, Barbarini e Martins (2018) marcam a masculinidade hegemônica no Brasil como profundamente racista, construindo bons e maus hábitos, costumes, atividades, etc em função de sua proximidade com a cultura branca. Dessa maneira, a masculinidade branca representa o centro da organização da masculinidade brasileira, sendo hierarquicamente superior. Esse pensamento é exposto no documentário na fala do sociólogo Túlio Custódio, que explica que o homem ideal é sempre visto como branco e cita Frantz Fanon dizendo: “O Homem negro não é um homem”, destacando que a condição de ser negro é anterior a de homem e, portanto, este sempre parte de um lugar de desvantagem, buscando se constituir no sentido de se aproximar do homem branco.

Além dessas questões, outro tema em que o “O Silêncio dos Homens” vai além é no destaque para a importância dos **grupos de homens**, de forma que o próprio documentário chama os homens à ação para a criação de novos grupos, inclusive oferecendo material didático e ferramentas para auxiliar na criação destes grupos. Ao final do filme, uma breve receita de como criar estes grupos é oferecida pelo Editor-chefe do Papo de Homem, dizendo que basta um grupo de amigos que compartilhem desse desconforto com a construção da masculinidade e, a partir daí, se reunir e fazer boas perguntas como quais são os medos, obstáculos e vergonhas vividas por eles. Buscando sempre se basear nas experiências pessoais, sem teorizar o assunto.

Além disso, é interessante perceber a variedade de grupos que são apresentados ao longo do documentário: são grupos de adolescentes em uma escola, de homens debatendo e se preparando para a paternidade, de homens negros e que tratam sobre sexo e sexualidade. O próprio filme organiza um grupo com alguns homens participantes do documentário, onde eles avaliam os benefícios deste tipo de encontro. Eles destacam a importância de um ambiente em que há uma relação saudável entre homens, onde possam se mostrar vulneráveis e compartilhar emoções, assim, estas pequenas transformações alcançadas nestes grupos podem ir se multiplicando na sociedade.

Por fim, ambos os documentários elaboram muito bem a construção social da masculinidade como um problema social, utilizando-se de diversos recursos para consolidar este ponto. A partir de sua narrativa, criam um caminho que entrelaça as

questões individuais dos homens, mostrando que estes problemas são em grande parte compartilhados por outros, para então demonstrar quão danosos são não só para os homens, mas para a sociedade em geral.

O principal recurso empregado é a estatística que expõe os dados coletivos, os quais são confirmados através das falas dos especialistas e relatos pessoais, reforçando o que é mostrado. As informações apresentadas são retiradas de ONGs, agências públicas e no caso do “O Silêncio dos Homens”, de uma pesquisa quantitativa realizada por sua própria produção antes do documentário, com a finalidade de conhecer melhor a realidade da construção social da masculinidade no Brasil.

De maneira geral, a estatística corresponde aos dados oficiais do Estado para identificar seus males para melhor administrá-los (Schmidt, 2012). Entretanto, nos documentários, ela deixa de ser um instrumento administrativo para tornar-se um meio de informação sobre a sociedade para sociedade. De forma que o filme se apropria dessa ferramenta de Estado, utilizando os dados levantados para reforçar a sua posição e criar uma agenda. Assim, as estatísticas permitem delimitar o problema, visualizá-lo e analisá-lo, além, é claro, de conferir objetividade e veracidade a ele.

Ainda nesse sentido, os filmes convocam uma equipe variada de especialistas, abordando os temas em sua dimensão individual e coletiva, procurando ampliar o foco, partindo do indivíduo, passando pelo coletivo, para chegar na dimensão social do problema. Os documentários se organizam a partir de uma abordagem sociológica para constituir a construção social da masculinidade como problema social e, para conceitualizar e legitimar essa abordagem, são trazidos à cena antropólogos e sociólogos que contextualizam os dados e discursos dentro do quadro referencial das Ciências Sociais.

A caracterização do problema da masculinidade feita pelos documentários, expõe a emergência deste tema que já era debatido em outras esferas e, então, passa a ser apropriado pelos meios de comunicação de massa, tornando-se uma questão que deve ser observada por todos. Dessa maneira, o assunto ganha força, permitindo um alcance ampliado, tendo como uma das consequências a absorção que o mercado faz destas ideias, seguindo o que considera uma tendência (criada a partir de um

problema social), transformando o “homem em busca da desconstrução de sua masculinidade” em um nicho de mercado.

Dois exemplos bastante concisos são um comercial da marca Gillette⁷ lançado em 2019 e, mais recentemente (lançada durante a finalização deste trabalho, no em novembro de 2021), a música “Masculinidade” do cantor Tiago Iorc⁸. No caso da Gillette, o comercial transforma seu tradicional slogan, que é uma afirmação, em um questionamento “É isso o melhor que o homem pode ter?”. Ao fundo é possível ouvir palavras como assédio sexual, bullying e masculinidade tóxica. Em seguida, a mensagem deixa clara que há uma mudança: “Mas algo finalmente mudou e não há como voltar. Porque nós acreditamos no melhor do homem.”. E segue incentivando: “Apenas diga a coisa certa, aja da maneira correta”, mostrando homens intervindo em práticas cotidianas relacionada aos homens como bullying, cantadas e brigas, finalizando com a frase “Porque os meninos de hoje serão os homens de amanhã”, demonstrando o quanto estes exemplos são importantes.

Já o clipe de Tiago Iorc foca em uma performance do cantor dançando sozinho em um estúdio ao longo dos mais de 6 minutos do vídeo, enumerando uma lista de atitudes atribuídas ao que se entende por masculinidade tóxica, buscando contextualizá-la. Esta lista de atitudes aparece em diversos trechos como: “Eu quis provar minha virilidade; eu duvidei da minha validade; eu cuidei pra não ser muito sensível; Homem não chora, homem isso e aquilo; aprendi que era errado ser sensível; eu tive medo do meu feminino.” Assim como nos documentários, traz a relevância do pai como referência, “Meu pai foi minha referência de homem forte / Trabalhador, generoso, decidido / Mas ele sempre teve dificuldade de falar / O pai do meu pai também não soube se expressar”. E finaliza com uma tentativa de demonstrar a pluralidade das masculinidades: “O que é ser homem? / Há tantos e tantos / E tantos e tantos e tantos / Possíveis homens / Homem real e não ideal”.

Somente estas duas peças já geram uma grande possibilidade de questões e análises em si. Entretanto, no contexto dessa pesquisa, serão utilizadas somente para ilustrar o uso da desconstrução da masculinidade como uma apropriação

⁷ Comercial Gillette. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=koPmuEyP3a0>. Acesso em 13/11/2021.

⁸ Clipe música “Masculinidades” – Tiago Iorc. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V5GUxCQ8rI4>. Acesso em 13/11/2021.

mercadológica. Nesse sentido, é interessante olharmos para a reação do público, levando em consideração a suas datas de estreia, pois entre os lançamentos houve uma intensificação da discussão das masculinidades nos meios de comunicação e na sociedade.

A reação à peça publicitária foi bastante dividida, muitos comentários parabenizando a iniciativa e, por outro lado, muitos contra ao que foi exposto, agindo de forma agressiva. As manifestações contrárias alegam que aquilo era um ataque os homens, querendo modificar o que os homens são, chegando ao ponto de a marca desativar os comentários do You Tube para não permitir uma escalada na violência dos comentários.

O recém lançado clipe de Tiago Iorc, de maneira geral, foi recebido de forma muito positiva, tanto pelos meios de comunicação, quanto nos comentários de seu vídeo. Além de elogios, os comentários destacam o quanto essa é uma discussão essencial e necessária e, também, relatando o quanto a música os tocou. Por outro lado, análises dentro do contexto das masculinidades apontam para a falta de pluralidade do clipe, por focar em um único corpo de um homem branco, heterossexual e com um recorte de classe específico que personificaria a nova masculinidade. A crítica vem no sentido de que a experiência masculina é mediada por corpos diferentes do Tiago, corpos que figuram nos índices de mortalidade por violência, menor expectativa de vida, suicídio, abuso de substâncias, população em situação de rua, encarceramento e juventude em medida socioeducativa, corpos que são marcados por raça, classe, escolaridade, regionalidade, sexualidade, deficiência, entre outras marcações que situam os homens em lugares diferenciados no mundo.

Olhar para essas duas obras e seus desdobramentos, permite uma breve reflexão sobre a abertura da sociedade para o assunto, dada a diferença de tempo entre elas, e a reação do público, permitindo pensarmos que este é um nicho de mercado que vem se estabelecendo e crescendo. Nesta perspectiva cabe pensarmos as pretensões mercadológicas e seus desdobramentos nos documentários em análise.

Nesse sentido, ambos documentários foram bem recebidos pelo público e pela mídia, classificando a discussão que trazem como necessária e importante. Nas manifestações no Twitter e nos comentários do Youtube, fica evidente o quanto os

filmes tocam as pessoas, sejam homens compartilhando suas experiências que encontraram eco na tela, ou mulheres exaltando a necessidade da participação dos homens na luta pela igualdade de gênero. Poucos usuários criticam de forma negativa. Os homens, quando o fazem, seguem uma linha de argumento de que os filmes buscam culpabilizar os homens, baseando-se na ideia de que os filmes deveriam acolher a masculinidade e não questioná-la, procurando muito mais uma validação do que uma reflexão.

O *“The mask you live in”* parte de um desconforto pessoal de sua diretora que desloca sua atenção e a faz perceber que aquele desconforto é um problema social, o que resulta na criação de filmes e de um projeto que busca trabalhar gênero e mídia de forma mais ampla. Assim, o filme busca contestar as práticas da nossa sociedade em relação a masculinidade, oferecendo como recurso para trabalhar essas questões, seus currículos educacionais. Já *“O silêncio dos homens”* parte de uma iniciativa do site Papo de Homem que identifica, através de suas experiências com grupos de homens, a dificuldade dos deles falarem sobre seus sentimentos e propõe explorar isso através de um documentário. Este documentário só é viabilizado pelos patrocínios das marcas Natura Homem e Reserva e, a partir daí, é encomendada a pesquisa e a produção do documentário para empresas e profissionais que atuam no ramo da pesquisa de mercado, ganhando contornos de um projeto comercial.

Apesar da ligação mercadológica mais evidente no caso do *“O silêncio dos homens”*, de certa forma, ambos documentários acabam servindo como uma espécie de relatório de tendência. Pois através dos filmes torna-se viável antecipar um possível cenário social, visto que estes relatórios buscam estudar o comportamento humano e mapear as mudanças culturais, focando em estratégias de negócios para alguma marca, produto ou serviço. Em relação à produção do PdH, no site da empresa responsável pela pesquisa quantitativa é possível acessar um relatório de tendência com o título Masculinidade (Projeto *“O Silêncio dos Homens”*)⁹ que oferece os dados apresentados no documentário.

Assim, fica clara essa dupla pretensão do documentário em denunciar o problema social e, ao mesmo tempo, criar uma demanda de mercado que interage

⁹ Site Zooma INC – Relatórios de Tendência. Disponível em <https://zoomainc.com/reports/>. Acesso em 10/11/21

diretamente com o que o site oferece. De certa forma, o documentário aponta para questões que já estão desenvolvidas nos artigos publicados pelo site, ou seja, ele já está pronto para atender esse público, o que gera maior tráfego em seu domínio e, conseqüentemente, atrai mais anunciantes.

Por fim, ao analisarmos os documentários e seus desdobramentos, tornou-se possível perceber a multiplicidade das masculinidades, bem como as diversas questões que estão vinculadas à sua construção social. Os dois documentários trazem de forma bastante completa os cruzamentos que complexificam esse cenário, procurando enfatizar que criação de soluções para estes problemas deve ser feita de forma coletiva, mobilizando toda a sociedade em busca de mais igualdade nas relações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho procurou retomar questões sobre como o gênero e as masculinidades em particular podem ser pensadas e analisadas. Tendo como foco compreender de que forma a masculinidade é apresentada nos documentários *“The mask you live in”* e *“O Silêncio dos Homens”*, com a intenção de analisar a produção do modelo atual de masculinidade, os seus prejuízos e as possíveis alternativas que os filmes oferecem.

Dentro do contexto atual, essa pesquisa vem no sentido de contribuir com os estudos das masculinidades, trazendo uma análise de dois documentários utilizados para pautar muitas das discussões sobre a socialização dos homens e seu reflexo na sociedade. Dentro de meu percurso, me incluo na parcela de homens que foi impactado por suas questões e, por isso, considero pertinente localizar minha visão enquanto homem e pesquisador das masculinidades, procurando enriquecer os caminhos deste campo de estudos, para tanto altero o registro do trabalho para a primeira pessoa, a fim de melhor contextualizar o relato.

Com o aumento do debate acerca da construção da masculinidade ganhando visibilidade em todos os meios, o assunto chamou minha atenção, pois, até então, não havia elaborado que alguns questionamentos pessoais

atravessavam a socialização da maioria dos homens. O sentimento de não pertencimento sempre me acompanhou e me impulsionou a tentar compreender melhor o ser humano e a sociedade, de forma que explorar estas questões da masculinidade foi bastante natural. Nesse sentido, vejo um traço em comum com a criação dos documentários que partiram de um desconforto pessoal resultando no filme. No meu caso, nasceu esta pesquisa.

Ao mesmo tempo que me questionava, participava de um grupo de homens que reforçavam comportamentos tóxicos (do qual nunca me senti parte) e me tornei pai de um menino. Naquele momento, houve uma virada na relevância do tema em minha vida, já que além de lidar com as minhas próprias indagações enquanto homem, teria que proporcionar uma boa formação para meu filho. Então, resolvi procurar um grupo de homens que já conhecia algum tempo, o Guerreiros do Coração, e acabei participando do primeiro ciclo, com um total de 10 encontros ao longo de um ano, onde foram debatidos pontos como: o que é ser homem atualmente, as fases da vida (infância, adolescência e adultez) e as nossas relações enquanto homens com as mulheres e a sociedade em geral.

A partir da participação do grupo Guerreiros do Coração, meu interesse pessoal se transformou em uma possibilidade de questão antropológica, ao ver o quanto este processo foi significativo para muitos dos homens que estiveram lá comigo, além de ser um espaço em que se propõe uma convivência masculina diferente da que nos é ensinada, procurando sensibilizar e criar um ambiente seguro de afeto para os homens. Conforme foi dito, a intenção inicial deste trabalho era justamente olhar para estes grupos de homens, algo que vem se expandido no Brasil.

Ao iniciar a pesquisa, minha experiência e conhecimento quanto as discussões acerca do gênero eram poucas, de forma que foi necessário me instrumentalizar com os conhecimentos da área, o que gerou certa aflição, pois não tinha noção da amplitude desse debate. Por outro lado, esse aprofundamento me ajudou a perceber uma certa romantização no meu olhar quanto a experiência que eu havia vivido no grupo Guerreiros do Coração e para certos enunciados que defendem um ideal de “nova masculinidade”, uma espécie de sagrado masculino ou até mesmo uma mito-poética em torno de uma figura de homem natural, que transcenderia a condição atual do homem.

Nesse percurso, compreendi que as masculinidades estão em movimento a partir da realidade de seus contextos e relações, como sempre estiveram. Contudo, a diferença do momento atual é que há um questionamento dos padrões de masculinidade que nos trouxeram até aqui e que até então não eram problematizados. Essa possibilidade de reflexão permite uma crítica à hegemonia masculina e a suas práticas danosas à sociedade, dando visibilidade para masculinidades que até então eram silenciadas. Entretanto, ao percorrer este caminho, o que ficou claro para mim (e isso está posto nos documentários) é que não há um ponto de chegada: devemos reconhecer nossos problemas enquanto homens, compreendendo nosso papel e nos responsabilizando por nossas práticas. Ainda que eu parta do que Haraway (1995) chama de posição não marcada do homem branco no plano social, através deste percurso procurei me tornar responsável pelo o que aprendi a ver, produzindo um conhecimento que se coloca ao lado da mudança e da igualdade.

Dessa maneira, acredito compartilhar de um caminho comum a outros homens que não se sentem pertencentes ao padrão de masculinidade, muitas vezes não entendendo porquê. Sobretudo foi importante compreender que este desconforto é atravessado por subjetividades e experiências diversas que devem ser respeitadas. Assim, os documentários permitem o acesso e a compreensão de problemas na socialização dos homens que talvez fossem vistas como uma inadequação individual.

Os documentários apresentam olhares convergentes constituindo a construção social da masculinidade como um problema social, trazendo cruzamentos que auxiliam a complexificação do tema como classe, raça, sexualidade, violência, família e mídia, apontando para questões problemáticas deste processo e a necessidade de mudança no modelo atual de masculinidade. Através das discussões levantadas pelos documentários, essa pesquisa contribui para aprofundar e amplificar alguns dos temas que atravessam a socialização dos homens, servindo também como um ponto de partida que contextualiza os documentários dentro do cenário das masculinidades, permitindo novos desdobramentos no âmbito acadêmico.

Por fim, esse movimento da mídia de massa em expor questões sobre as masculinidades colabora com o debate e abre espaço para possíveis

transformações, convocando os homens a se responsabilizarem por suas práticas, compreendendo que o modelo tradicional de homem é problemático não só para si, mas para as mulheres e para a sociedade como um todo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale. “**Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso do Sul de Portugal**”. In: Anuário Antropológico (Brasil), 95. Pg 161 – 190, Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1996

BADINTER, Elizabeth. “**XY: sobre a identidade masculina**”. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993

BARBARINI, Neuzi; MARTINS, Daniel Fauth Washington. “**Masculinidade como instituição: uma análise conceitual do “ser homem” no Brasil**”. In: Psicologia Argumento. 2018 abr./jun, 36(92), 216-236. Curitiba: PUC Press, 2018

BATESON, Gregory. “An analyzis of the Nazi film Hitlerjunge Quex”. The study of culture at a distance. Chicago: The university Chicago Press: 1953

BENTO, Berenice Alves de Melo. “**A (re)construção da identidade masculina**”. In: Revista de Ciências Humanas, n.26, p. 33-50, Florianópolis: Ed. UFSC: 1999

BIANCHINI, Alice. “**O que é “violência baseada no gênero”?**”. Disponível em <https://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/312151601/o-que-e-violencia-baseada-no-genero>. Acesso em 2 de novembro de 2021.

BLISS, Shepherd. “**Revisoning Masculinity: A report on the growing men’s movement**”. Disponível em <https://www.context.org/iclib/ic16/bliss/>, acessado em 30 de abril de 2021.

BLY, Robert. “**João de Ferro – Um livro sobre Homens**”. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991

BOLA, JJ. “**Seja Homem – A Masculinidade desmascarada**”. Porto Alegre: Dublinense, 2020

BOTTON, Fernando Bagiotto. “**As Masculinidades em Questão: uma perspectiva de construção teórica**” In: Revista Vernáculo, n. 19 e 20. UFPR: 2007

BUTLER, Judith. **“Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade”**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

COLLIER, Jane Fishburne; YANAGISAKO, Sylvia Junko. **“Gender and Kinship”**. Stanfor: Stanfor University Press, 1987

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHIMDT, James W. **“Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito”**. In.: Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, 2013

CONNELL, Raewyn W. **“Políticas da Masculinidade”**. In: Educação e Realidade nº2. Porto Alegre: UFRGS, 1995

CONNELL, Raewyn W. **“El imperialismo y el cuerpo de los homens”**. In: VALDÉS, Teresa; OLAVÁRRIA, José. “Masculinidades y equidad de género em América Latina”, Chile: FLACSO, 1998

DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Maria Filomena. **“Violência e Gênero: Novas propostas, velhos dilemas”**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 23, n. 66. São Paulo: ANPOCS, 2008

FONSECA, Cláudia. **“Olhares antropológicos sobre a família contemporânea”**. In: Pesquisando a família: olhares contemporâneos. Florianópolis: Papa Livro, 2002

GÓMEZ, Alejandra López; GÜIDA, Carlos. **“Aportes de los Estudios de Género en la conceptualización sobre Masculinidad”**. Disponível em: kolektivoporoto.cl. Acesso em 24 de maio de 2021

GROSSI, Miriam Pillar. **“Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade”**. Florianópolis: Mulheres, 1998

GROSSI, Miriam Pillar. **“Masculinidades: uma revisão teórica”**. In: Revista Antropologia em Primeira Mão, n 1. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2004

GUTMANN, Matthew C. "Changing Men and Masculinities in Latin America". Durham: Duke University Press, 2003

GUTMANN, Matthew C. "**Trafficking in men: The anthropology of masculinity**". In: Annual Reviews Anthropology, Nebraska: Annual Reviews Inc., 1997

HARAWAY, Donna. "**Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra**". In: Cadernos Pagu 22, Campinas: Unicamp, 2004

_____, "**Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**". In: Cadernos Pagu 22, p 07 - 41, Campinas: Unicamp, 1995.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. "**IMAGEM-VIOLÊNCIA etnografia de um cinema provocador**". São Paulo: Terceiro Nome, 2012

_____, "**Antropólogos vão ao cinema - observações sobre a constituição do filme como campo**". In: Revista Cadernos de Campo (USP), v. 7 n. 7 (1998)

HOENISCH, Júlio César Diniz; Cirino, Carlos da Silva. "**Mídia e o espelho da masculinidade?**". In: Revista Estudos de psicanálise, n 33. Belo Horizonte: 2010

JÚNIOR, Mário Viana Júnior. "**Masculinidades: ampliando o debate**". In: Fórum Identidades, Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 23, p. 87-108, jan.-abr. de 2017

KIMMEL, Michel S. "**A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas**". In: Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998

KIMMEL, Michel S. "**Angry White Men - American Masculinity at the End of an Era**". Nova Iorque: Nation Books, 2013

NICHOLSON, Linda. "**Interpretando o Gênero**". In: Revista Estudos Feministas, v.8 n.2, Florianópolis: UFSC, 2000

NOLASCO, Sócrates. **“A Desconstrução do Masculino”**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

O Silêncio dos Homens – Volume 1. Papo de Homem, 2019. Disponível em: <https://www.papodehomem.com.br/silencio> . Acesso em 20 novembro de 2019

REYNA, Carlos. **“Antropologia e Cinema: Algumas Considerações Teóricas- Metodológicas”**. In: Revista Ambivalências (UFS), v. 7 n. 13 (2019)

RUBIN, Gayle. **“The traffic in women: Notes on “political economy” of sex”** In: Toward na Anthropology of women, org. Rayna R, Reiter. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1975

SEIDLER, Victor J. **“Man Enough – Embodying Masculinities”**. Londres: Sage Publications, 1997

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. In: Revista Educação e Realidade, v. 2, n. 16. Porto Alegre, 1990

SCOTT, Joan. **“Prefácio a Gender and Politics of History.”** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 11–27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 17 maio. 2021.

SCHMIDT, Jéssica Joseane. **“Estatística aplicada às ciências sociais na formação do docente e nas aulas de sociologia do ensino médio”** In: Ensino de sociologia em debate, nº 1, vol 1. Londrina: UEL, 2012

SHOHA, E. e STAM, R. **“Estereótipo, realismo e representação racial”**. In. Revista Imagens, n.5, ago – dez. Campinas: Editora Unicamp, 1995

VALDÉS, Teresa; Olavárria, José. **“Masculinidades y equidad de género em América latina”**. Chile: FLACSO, 1998

VIVEROS VIGOYA, Mara. **“As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América”**. Belo Horizonte: Papéis Selvagens, 2018

WEAKLAND, John. **“Feature films as Cultural Documents”**. In: Principles of Visual Anthropology”, Org. Paul Hockings. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1995